

TORCIDAS DE FUTEBOL EM PERIÓDICOS CIENTÍFICOS DA AMÉRICA LATINA (1995-2024): SILÊNCIOS E ESTIGMAS

Felipe Tavares Paes Lopes¹

Leonardo Canovas Oliveira²

Fábio Henrique França Rezende³

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender de que maneira o torcedor de futebol foi abordado em artigos publicados em revistas acadêmicas latino-americanas de 1995 a 2024. Para tanto, realiza um balanço bibliográfico desses artigos, realizando uma análise de conteúdo. Entre outras coisas, esse balanço indica que a maior parte dos artigos pesquisados aborda os grupos organizados de torcedores, dando pouco atenção aos “torcedores comuns”. Também indica que há uma ênfase na temática da violência e que a abordagem etnográfica é a mais adotada.

Palavras-chave: Futebol, Torcidas, Balanço bibliográfico, Estigma, América Latina.

Football fans in Latin American scientific journals (1995-2024): silences and stigmas

Abstract: This article aims to understand how football fans were addressed in articles published in Latin American academic journals from 1995 to 2024. To this end, it conducts a bibliographic review of these articles, conducting a content analysis. Among other things, this review indicates that most of the articles researched address organised fan groups, paying little attention to “ordinary fans”. It also indicates that there is an emphasis on the theme of violence and that the ethnographic approach is the most commonly adopted.

Keywords: Football, Football Fan, Bibliographic review, Stigma, Latin America.

Introdução⁴

Este artigo versa sobre os estudos sociais acerca do futebol na América Latina, focalizando as maneiras através das quais um ator específico – o/a torcedor/a⁵ – é discursivamente representado. As pesquisas sobre esporte

¹ Professor na Faculdade de Educação Física de Campinas.

² Graduando em Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

³ Doutorando em Educação Física na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

⁴ Agradecemos à Fapesp e ao Faepex, que apoiaram financeiramente esta pesquisa.

⁵ A fim de aliviar o corpo do texto, abandonaremos a partir daqui a fórmula “o/a” e adotaremos o genérico masculino.

desenvolveram-se em diferentes períodos e de diferentes formas nos países latino-americanos, de acordo com os sistemas educacionais e as estruturas científicas de cada um⁶. Apesar dessas diferenças, há um ponto em comum: dada a larga tradição futebolística nesses países⁷, o futebol, inicialmente, recebeu muito mais atenção dos pesquisadores⁸. Embora a futebolização das pesquisas científicas tenha invisibilizado outras modalidades esportivas, essas pesquisas possibilitaram a inscrição de temas clássicos das Ciências Sociais dentro do debate acadêmico sobre o esporte, tais como: identidade nacional, relações de sexo/gênero e violência (ALABARCES; ZUCAL; LEVORATTI, 2024).

A partir da década de 1980, começou-se a consolidar um campo de pesquisas sobre futebol no Brasil e na Argentina e o tratamento acadêmico dado ao esporte passou por transformações significativas na América Latina. A despeito de nunca ter deixado de existir, a produção ensaística sobre o tema, até então predominante, passou a coexistir com outra forma de conhecimento, baseada no controle empírico. A emergência dessa outra forma de conhecimento pode ser atribuída, ao menos em parte, ao próprio desenvolvimento do campo científico latino-americano. Embora ele tenha ocorrido diferentemente em cada país, de modo geral, novas universidades surgiram, os centros de pós-graduação expandiram-se, as áreas de saber autonomizaram-se e a especialização científica ampliou-se (HOLLANDA, 2017).

Do ponto de vista teórico, até a década de 1980, predominava uma perspectiva crítica, baseada no marxismo-althusseriano e em autores da primeira geração da Escola de Frankfurt. Tal tradição considerava o futebol uma variante do “ópio do povo”, interpretando-o através das chaves da alienação e do controle. Conforme Hugo Lovisoló (2011), esse tipo de interpretação do futebol levou seus analistas a situarem-se de forma distanciada em relação a ele, uma vez que seria uma contradição amá-lo e, ao mesmo tempo, denunciar seu caráter alienante.

⁶ Tomando esses países em conjunto, podemos apontar alguns acontecimentos fundamentais para o desenvolvimento e institucionalização desses estudos, tais como: a constituição, na CLACSO, do Grupo de Trabajo Deporte y Sociedad; os eventos da Reunião de Antropologia do Mercosul; os congressos da Associação Latino-Americana de Sociologia; os encontros da Associação Latino-Americana de Estudos Sociais do Esporte (ALESDE); os congressos da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS); e os encontros da Associação Brasileira de Antropologia (ALABARCES; ZUCAL; LEVORATTI, 2024).

⁷ Com exceção da Venezuela e de alguns países da América Central, onde o beisebol é predominante.

⁸ Por exemplo, no primeiro encontro do Grupo de Trabajo Deporte y Sociedad, dos 27 trabalhos apresentados, apenas 4 não o abordavam (ALABARCES; ZUCAL; LEVORATTI, 2024).

Percebido como um alienado, o torcedor, na visão de tais analistas, não possui nada de (significativo) a dizer ao pesquisador. O máximo que ele poderia oferecer seriam suas ilusões e ideias equivocadas em relação ao papel e aos significados do esporte.

Essa forma de conceber o torcedor começou a mudar com o desenvolvimento de um campo de pesquisas antropológicas sobre o futebol. Essa mudança não ocorreu sem razão. Afinal, de acordo com François Laplantine (2005), a Antropologia tende a valorizar a voz do nativo, uma vez que este é percebido como uma pessoa capaz de ensinar muitas coisas ao antropólogo: seus modos de vida, de sentir e de pensar. Dessa forma, tomando o torcedor como um nativo, a Antropologia não pode considerá-lo simplesmente um alienado. Afinal, ainda que as lógicas de sua ação não sejam totalmente transparentes a ele próprio, tratar-se-ia de alguém que teria muito conhecimento a oferecer. Até mesmo porque, como sublinha o autor, a prevalência do discurso acerca do outro sobre o discurso do outro contribui para a morte do outro, pois faz dele uma mera projeção das expectativas que criamos sobre ele. Em outras palavras, o discurso sobre o outro tende a degenerar-se em discurso à revelia do outro.

A valorização da perspectiva do nativo foi fundamental para a criação de um campo de pesquisas sobre as torcidas organizadas brasileiras e acerca das *barras-bravas* (ou apenas *barras*) hispano-americanas (especialmente, as argentinas), que são, com frequência, tratadas, pelos meios de comunicação, como o “câncer” das arquibancadas, como uma espécie de “vírus”, que faz o futebol “adoecer”. Foi graças a essa valorização que muito se descobriu sobre a lógica por detrás das práticas dos integrantes desses grupos. Uma das mais importantes tentativas de reunir essas descobertas foi a publicação da coletânea “Torcidas organizadas na América Latina” (HOLLANDA; AGUILLAR, 2017).

A despeito da centralidade que a temática torcedora possui atualmente nos debates acadêmicos sobre o futebol, demorou certo tempo para se consolidar um campo de pesquisas sobre ela. No Brasil, os primeiros estudos acerca das torcidas organizadas datam do fim dos anos 1970, mas foi apenas a partir da segunda metade dos anos 1990 que essas torcidas entraram, de fato, na agenda acadêmica. Essa entrada deveu-se, em parte, ao acirramento dos confrontos violentos entre elas, que

gerou eventos de grande repercussão midiática⁹. Nas palavras de Sérgio Giglio e Enrico Spaggiari (2010, p. 296): “muito influenciadas pela proliferação de conflitos e casos de violência nos estádios no começo dos anos 1990, [as produções sobre torcidas organizadas] tiveram um impacto decisivo dentro do processo de ampliação do cenário de estudos sobre esporte no Brasil.”

Na Argentina, a violência no futebol também contribuiu para mobilizar os estudos sobre as torcidas. Tais estudos – como as pesquisas pioneiras de Pablo Alabarces (2012), Verónica Moreira (2013) e de José Garriga Zucal (2010) – colocaram em xeque uma visão, amplamente compartilhada por jornalistas, de que a violência das *barras* é, basicamente, instrumental, ou seja, que ela se resume a um meio de inserir os integrantes desses agrupamentos numa rede de troca favores, da qual conseguiriam extrair lucro simbólico e econômico. Sem negar a dimensão instrumental da violência, os referidos autores privilegiaram como foco de análise a “cultura do *aguante*”, que, segundo eles, mobiliza e molda a festa e a violência nas arquibancadas do país.

Embora o Brasil e a Argentina tenham, ao menos inicialmente, obtido certa hegemonia nos estudos latino-americanos sobre as torcidas de futebol, há valiosas contribuições de praticamente todas as partes da América Latina (ALABARCES; ZUCAL; LEVORATTI, 2024). Neste artigo, optamos por realizar um balanço dos referidos estudos, a fim de compreender de que maneira o torcedor foi abordado em artigos publicados em revistas acadêmicas latino-americanas de 1995 a 2024. Mais exatamente, buscamos responder às seguintes questões: 1 – Onde e quando foram publicados esses artigos? 2 – Quem os publicou e quais referenciais teórico-metodológicos adotou? 3 – Quais torcedores foram objeto de seu interesse e como foram pesquisados e representados?

O artigo foi organizado em três seções. Primeiramente, detalhamos os procedimentos metodológicos. Em seguida, discutimos o contexto de produção dos artigos selecionados, traçando um panorama geral. Por fim, analisamos como esses artigos pesquisaram e representaram o torcedor de futebol.

⁹ Como foi o caso da Batalha Campal do Pacaembu, em 1995, que resultou em um morto e em dezenas de feridos.

Materiais e método

A fim de alcançar os objetivos estabelecidos, realizamos um balanço bibliográfico da produção latino-americano sobre torcedores de futebol. Afinal, balanços

[...] servem de guias bibliográficos e cumprem evidenciar formas de abordagens que levam a prospectar lacunas empíricas e teóricas, identificar inserções institucionais, elencar relevâncias e hierarquias de centros de pesquisa, avaliar limites e contribuições teórico-metodológicos e acomodar ou desacomodar os pesquisadores autores no interior dessas redes sociais (TOLEDO, 2020, p. 3).

No desenvolvimento do balanço proposto, focalizamos artigos publicados em periódicos científicos, uma vez que esses periódicos constituem um lugar privilegiado para uma mirada epistemológica a respeito de uma área disciplinar. Eles são indicadores adequados dos saberes nela desenvolvidos, podendo apontar para os temas nela considerados pertinentes, assim como indicar as bibliografias utilizadas e as teorias, conceitos e métodos adotados. Podem, ainda, apontar para os modos de pensamento e tipos de questões em tal área consagrados (MARTINO, 2023).

Os artigos selecionados foram extraídos das bases de dados: LILACS, Latindex, SciELO, Scopus e Web of Science. Nessas bases, utilizamos e cruzamos os seguintes descritores: “torcedor”, “torcedora”, *hinch*a, “torcida organizada”, “torcida”, “*hinchada*”, *barra*, *barra-brava*, “coletivo antifascista de torcedores”, “coletivo ativista de torcedores”, “coletivo de torcedores”, *colectivo de hinch*as, *colectivo antifascista de hinch*as. Com a lista em mãos dos artigos resultantes da busca realizada, excluimos aqueles que: 1 – não apresentavam os referidos termos no título, resumo ou palavras-chave (ou que apresentavam, mas se referindo a um contexto não-futebolístico); 2 – não eram artigos originais, artigos de revisão ou ensaios, isto é, entrevistas, resenhas, traduções e editoriais foram desconsiderados; e 3 – não foram publicados em periódicos latino-americanos e/ou fora do período contemplado (1995-2024). Vale destacar, aqui, que a escolha por investigar esse período justifica-se pois foi a partir da segunda metade dos

anos 1990 que se começou a formar um campo de pesquisas sobre a temática torcedora.

Com base nos procedimentos supramencionados, localizamos 42 artigos, que foram lidos e submetidos a uma análise de conteúdo (AC). De acordo com Laurence Bardin (2016), a AC é estruturada em três etapas: a primeira é a pré-análise, que diz respeito à organização do material e à sua preparação para o manuseio. Entre outras coisas, ela envolve a escolha dos documentos a serem analisados (*corpus*), que devem ser representativos e adequados aos objetivos da pesquisa. Também envolve uma primeira aproximação a esse material. Tal etapa foi descrita no parágrafo anterior. Já a segunda etapa consiste na exploração do material selecionado, que realiza operações de codificação, decomposição ou enumeração. Por sua vez, a terceira etapa busca estabelecer inferências e interpretar os resultados da segunda etapa. Seu objetivo, assim, é lhes dar sentido e relacioná-los com as hipóteses e objetivos iniciais.

Para facilitar a realização destas duas últimas etapas, elaboramos um quadro de sistematização, indicando o título de cada artigo, o periódico onde foi publicado, o ano de publicação, o nome do(s) autor(es), seu sexo e sua filiação institucional. Também foram indicados os temas, os referenciais teóricos, os procedimentos metodológicos e as principais conclusões.

Discussão e resultados

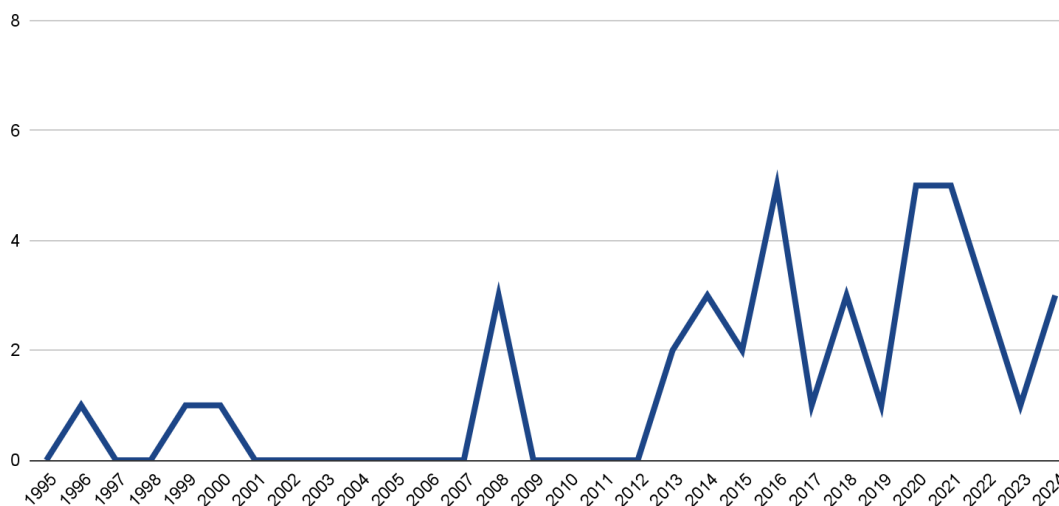
Uma vez indicado o caminho metodológico percorrido, apresentamos e discutamos, agora, os principais resultados da pesquisa.

Panorama geral

Conforme a figura 1, a temática torcedora aparece, no material selecionado, de forma bastante inconstante até 2013. Desde a segunda metade dos anos 1990, no entanto, já estavam sendo publicada uma série de livros sobre as torcidas organizadas e as *barras* (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; TEIXEIRA, 2003; SANTOS, 2004; REIS, 2006; ZUCAL, 2007; HOLLANDA, 2009; ZUCAL, 2010; ALABARCES, 2012). Isso indica que a chegada e a recepção das pesquisas sobre o assunto aconteceram tendo o livro como principal meio de acesso. Uma possível explicação para isso é a tradição da “obra” – entendida

como livro – dentro campo das Ciências Humanas. Outra explicação possível é que, na América Latina, a maior parte dos periódicos não é publicada por empresas, que tornam a atividade de publicação altamente monetizável. Diferentemente do que ocorre no mundo anglo-saxônico, muitos dos periódicos latino-americanos são vinculados a programas de pós-graduação ou a associações científicas (MARTINO, 2023), não dispondo, com alguma frequência, dos recursos necessários para conseguir cumprir as exigências dos principais indexadores – o que, por conseguinte, faz com que sua produção permaneça na invisibilidade.

Figura 1 - Ano de incidência dos artigos

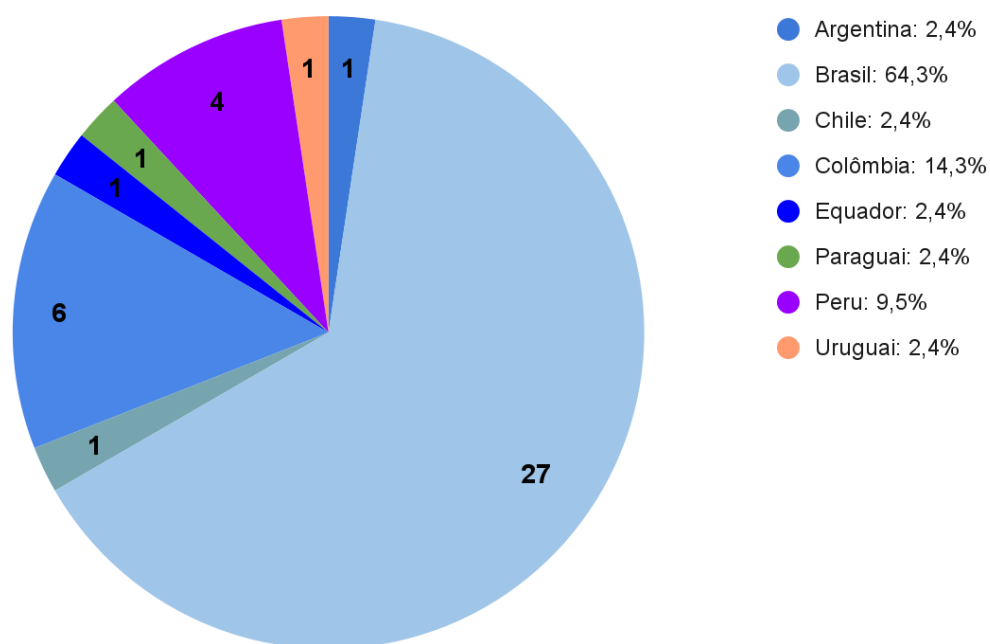


Fonte: Elaboração dos próprios autores (2025)

No que concerne à nacionalidade dos periódicos onde foram publicados os artigos, há, conforme a figura 2, uma predominância de publicações em revistas brasileiras (64,3%) – seguidas pelas colombianas (14,3%) e peruanas (9,5%). Essa predominância pode ser explicada, em parte, pelo fato de o Brasil possuir uma longa tradição nos estudos sociais sobre futebol, sendo seu precursor na América Latina. No entanto, a Argentina também é uma das precursoras – exercendo forte influência sobre a produção hispano-americana –, mas ocupa apenas a quarta posição no ranking, ao lado de outros 4 países (identificamos apenas 1 publicação em periódico argentino). Sendo assim, cabe a pergunta: o que explica essa

diferença? Seguindo Lovisolo (2000), levantamos a hipótese de que as particularidades das tradições culturais e dos padrões de ação política no Brasil e na Argentina criaram estruturas científicas distintas. No contexto brasileiro, eles resultaram num significativo desenvolvimento da comunidade científica (profissionalização e organização) e numa baixa democratização do ensino em geral e do universitário em particular. Já no contexto argentino, resultaram numa significativa democratização do sistema de ensino e numa baixa legitimação da comunidade científica.

Figura 2 – Nacionalidade dos países onde foram publicados os artigos



Fonte: Elaboração dos próprios autores (2025)

Quanto à incidência dos periódicos, contabilizamos um total de 28 revistas na América Latina com publicações sobre a temática torcedora, com destaque para a LICERE (5), a RBCE (3), a Revista Colombiana de Sociologia (3) e a Revista Movimento (3). Destas 4 revistas, 3 são brasileiras e do campo da Educação Física

– o que indica a relevância do Brasil e dessa área para a circulação do conhecimento sobre a referida temática. Vale notar que a LICERE está vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que sedia o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT), fundado em 2006 e coordenado pelo Prof. Dr. Silvio Ricardo da Silva. Esse dado mostra a importância de um grupo de pesquisa atuante para a promoção da temática sob análise.

Em relação ao perfil dos autores, há um predomínio dos homens (70,7%). Ainda que os resultados da pesquisa apontem esse predomínio, observamos que, atualmente, há um conjunto significativo de produções científicas, assinadas por mulheres, sobre igualdade de gênero no contexto esportivo latino-americano. Especificamente no que diz respeito ao campo dos estudos sobre torcidas de futebol, vale mencionar a pesquisa de Luiza Aguiar dos Anjos (2022) sobre a Coligay, do Grêmio. Torcida que foi a primeira organizada LGBTQIA+ brasileira, atuando em plena ditadura civil-militar (1964-1985). Vale mencionar, ainda, os estudos de Nemesia Hijós (2024) sobre a participação das mulheres nos coletivos ligados ao futebol argentino.

Além das produções destacadas, não podemos nos esquecer do pioneirismo que algumas autoras tiveram nos estudos sobre as *barras* e torcidas organizadas. Entre outras pesquisas, destacamos as de Rosana da Câmara Teixeira (2003), as de Tarcyanie Cajueiro dos Santos (2004) e as de Verónica Moreira (2006a; 2006b). Várias dessas pesquisas foram publicadas em formato de livro e/ou capítulo (talvez, pelos motivos supramencionados). Por esta razão, não foram identificadas na busca realizada por esta pesquisa. Ainda em relação a essa busca, não podemos perder de vista que ela focalizou exclusivamente artigos. Assim, aquelas teses e dissertações sobre torcidas de futebol assinadas por mulheres que ainda não foram transformadas em artigos acabaram não ganhando visibilidade.

No que diz respeito aos vínculos institucionais dos autores, identificamos 39 instituições de ensino. Dentre elas, 5 universidades se destacam: a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com 7 vinculações; a Universidade Federal do Paraná (UFPR), com 5; e a Fundação Getúlio Vargas (FGV), a Universidade de Buenos Aires (UBA) e a UFMG com 3 cada. Essas instituições, vale sublinhar, possuem professores e pesquisadores que, além de

possuírem um número significativo de produções sobre futebol, coordenam relevantes grupos de pesquisa – o que reforça o argumento de Giglio e Spaggiari (2010) de que, nas Ciências Humanas, a referida produção foi germinada, em grande medida, em formas coletivas de pesquisa e debates.

Pesquisando a temática “torcedor/torcidas”

Ao pesquisarmos como os torcedores de futebol foram abordados na produção selecionada, primeiramente, chamou nossa atenção a ênfase nos grupos organizados. Conforme a tabela 1, as torcidas organizadas e as *barras* foram, com folga, as populações mais pesquisadas. Dada sua emergência recente, em meados dos anos 2010, os coletivos ativistas de torcedores, que buscam lutar por transformações sociais e políticas no campo esportivo e na sociedade em geral, fazendo frente às relações de dominação e às diferentes formas de opressão que os caracterizam (LOPES, 2023), praticamente não foram abordados.

Tabela 1 – Populações pesquisadas

Populações pesquisadas	Frequência	Total
Torcidas Organizadas	21	44.68%
Barras Sul-Americanas	19	40,43%
Torcedor Comum	4	8.51%
Imprensa Esportiva	1	2.13%
Dirigente de Clubes	1	2.13%
Coletivos Torcedores	1	2.13%
TOTAL	47	100.00%

Fonte: Elaboração dos próprios autores (2025)

A principal lacuna identificada diz respeito ao chamado “torcedor comum”, que não faz parte de nenhum agrupamento organizado. Apesar de constituir a imensa maioria da massa torcedora, ele foi abordado em apenas 4 artigos (8,51%) – como, por exemplo, em um que comparou as relações entre fanatismo e agressividade nesse grupo de torcedores e no dos organizados (ZEFERINO; SILVA; ALVARENGA, 2021). Mas quem são, afinal, os “torcedores comuns”? O que pensam acerca das condições do espetáculo esportivo? Como se

comportam dentro e fora do estádio? Quais são suas práticas e rituais? Como qualquer outra, a categoria “torcedor comum” interliga diferentes tipos de pessoas, independentemente de suas diferenças e divisões. Na realidade concreta da arquibancada, não existe o “torcedor comum”. O que existe é o torcedor de carne e osso, que pode ser branco, negro, indígena, homem, mulher, heterossexual, homossexual, adulto, jovem, criança, pobre, rico etc. Trata-se, na verdade, de torcedores, que possuem diferentes necessidades e vivenciam o futebol de diferentes maneiras. Torcedores sobre os quais, certamente, há ainda muito a saber e pesquisar.

Com isso, cabe reforçar, não estamos negando a existência de relevantes estudos sobre o “torcedor comum”, nem, muito menos, os esforços que têm sido feitos pelo campo científico para conhecê-lo mais aprofundadamente. Há, por exemplo, pesquisas (MALAIA, 2012; MELO; 2012), em perspectiva histórica, que nos oferecem um valioso panorama da formação e configuração dos primeiros anos do público esportivo no Brasil. No entanto, não deixa de ser inquietante que aquele que constitua a esmagadora maioria da população de torcedores tenha uma visibilidade acadêmica significativamente menor do que aquele que pertença a grupos organizados. Aqui, vale, no entanto, uma observação metodológica: na busca realizada, empregamos diversos descritores que fazem referência a esses grupos – o que, eventualmente, pode ter ampliado a diferença de produções encontradas sobre eles em relação àquelas que focalizam o “torcedor comum”.

Na literatura europeia, existem algumas tentativas de mapear os diferentes tipos de torcedores e suas relações com seus clubes do coração, como a desenvolvida por Richard Giulianotti (2012), que propõe quatro tipos ideais de identidades torcedoras: os fanáticos, os seguidores, os fãs e os *flâneurs*. Esse tipo de mapeamento torna-se cada vez mais relevante diante das mudanças na cobertura midiática do espetáculo futebolístico, relacionadas, entre outros fatores, ao advento de novas plataformas digitais e ao surgimento de uma geração de jovens hiper conectados. Se, antes, a identidade clubística tinha uma raiz local (regional ou nacional); agora, parece haver uma identificação dos jovens torcedores com clubes internacionais, que exploram comercialmente essa nova forma de fidelidade, adotando estratégias globais de marketing. É verdade que, em determinados contextos, o fenômeno do apoio múltiplo não constitui

exatamente uma novidade. Por exemplo, em algumas regiões do Brasil, em que não havia (e segue não havendo) clubes disputando, de forma permanente, a principal divisão do campeonato nacional, já era possível identificar essa múltipla filiação. No entanto, cabe a pergunta: será que essas novas filiações apenas ampliaram as fidelidades ou há uma reconfiguração da lógica de identificação e pertencimento?

Retomando a ênfase nos grupos organizados de torcedores, o que a explica? Formulamos duas hipóteses: primeira, graças à influência da abordagem antropológica sobre os estudos sociais acerca do esporte, os pesquisadores deram especial atenção aos grupos rotulados de *outsiders* (BECKER, 2008). Afinal, quando confrontada pelas sociedades globais, a Antropologia opta, com frequência, por buscar objetos similares aos da etnologia clássica, ou seja, opta por investigar aqueles grupos que se situam nas margens dessas sociedades (LAPLANTINE, 2005), como as *barras* e as torcidas organizadas.

Segunda hipótese: graças à sua visibilidade e relevância para a cultura torcedora – seja pelo espetáculo que promovem nas arquibancadas, seja pelos confrontos corporais e armados que as caracterizam – as *barras* e as torcidas organizadas chamaram, mais do que qualquer outro agrupamento, a atenção da academia. Notemos que, dentre os temas abordados, a violência foi o que mais apareceu (47% dos artigos). Em seguida, vem justamente a festa, ao lado da mídia e da política (5,8% cada). Em alguns países, como o Brasil e a Argentina, os referidos confrontos amplificaram-se a partir da segunda metade dos anos 1980, ganhando ampla repercussão na agenda dos meios de comunicação e nos debates políticos (ZUCAL, 2022). Essa repercussão contribuiu para elevá-los à condição de grave problema social. A partir desse momento, os pesquisadores viram-se estimulados a estudar tais grupos (LOPES, 2019). Tanto que alguns dos primeiros livros sobre o tema datam desse período, conforme já antecipamos.

Por um lado, a associação das *barras* e das torcidas organizadas com a violência tende a reforçar o processo de estigmatização desses agrupamentos, pois ilumina seu atributo considerado “defeituoso” em detrimento de outros (GOFFMAN, 1988). Isto é, ao ganhar visibilidade acadêmica por suas práticas violentas e vandálicas, esses agrupamentos tendem a ser revestidos com a imagem da delinquência.

Por outro lado, um olhar mais atento indica que, apesar da referida associação, a produção sob análise (ao menos, grande parte dela) busca enunciar e denunciar perspectivas de “senso-comum”, indo além dos rótulos (negativos). Por exemplo, para Heloísa Baldy dos Reis e Felipe Tavares Paes Lopes (2016), muitas das generalizações feitas pelos meios de comunicação das torcidas organizadas não encontram evidências empíricas que lhes dê suporte. Não à toa, argumentam que, mais do que representar fidedignamente a realidade dessas torcidas, as mensagens midiáticas criam atitudes discriminatórias contra elas. Lopes (2013) observa, ainda, que, ao fazer isso, tais mensagens contribuem para mantê-las em uma situação de subordinação nos processos deliberativos sobre os rumos do espetáculo futebolístico.

É importante destacar que os torcedores organizados e os *barristas* foram a principal fonte de informação em 23 dos artigos analisados (34,3%). Esse dado revela a disposição do campo científico de escultá-los e de compreender seus pontos de vista – o que é fundamental para desconstruir os estigmas que maculam sua imagem e as narrativas (sensacionalistas) que caracterizam o debate público sobre violência no futebol. Nos artigos analisados, os torcedores organizados e os *barristas* não estavam lá, como muitas vezes ocorre na mídia, para se explicar, mas simplesmente para explicar (LOPES, 2019). Em outras palavras, não estavam na condição de acusados – que, eventualmente, têm direito à defesa –, mas, sim, como fontes privilegiadas de informação, que possuem conhecimento a oferecer aos pesquisadores.

Uma voz ausente foi a do “torcedor comum”, presente em apenas 4 produções (5,9%). Essa ausência reforça o que já foi dito sobre a escassez de reflexões voltadas a essa população. Outra ausência sentida foi a voz das autoridades policiais. Em nenhum artigo, elas foram consultadas. Tampouco identificamos produções sobre essa população. Esta, sem dúvida, é uma lacuna relevante, pois, conforme Alabarces (2012), a polícia é parte do problema da violência no futebol, não apenas da sua solução. Afinal, com frequência, ela acirra a tensão nas arquibancadas, empregando, por exemplo, um uso excessivo da força. Sendo assim, se quisermos compreender melhor a lógica e a dinâmica desse fenômeno, é preciso conhecermos as práticas e representações desse ator.

Em relação às abordagens utilizadas, notamos que a prática etnográfica segue sendo predominante, servindo de base teórico-metodológica para 20 artigos (35,7%). Conforme já antecipamos, a etnografia caracteriza-se justamente pela valorização da voz do nativo, do seu conhecimento, o que é coerente com a busca por compreender as formas de pensar e viver dos torcedores organizados e *barristas*. Um tipo de pesquisa ainda não muito recorrente, presente em apenas 4 produções (7,1%), é a análise estatística, pautada pela aplicação de questionários. Diferentemente do que diz o senso-comum, esse tipo de análise não é, necessariamente, contraditório às abordagens qualitativas, mas pode ser complementar. Ademais, são muito úteis para obter uma série de informações sobre os diversos tipos de torcedores.

Identificamos, ainda, uma lacuna de estudos comparativos, que busquem cotejar contextos nacionais distintos. Uma exceção é o artigo de Nicolas Cabrera (2024), que compara uma torcida organizada brasileira com uma *barra* argentina, indicando que ambos os grupos brigam como se organizam e se organizam brigando. A diferença está, segundo ele, nos seus modos de organização. Certamente, a descoberta de padrões comuns entre diferentes contextos, assim como suas particularidades, é fundamental para o desenvolvimento do debate público sobre as torcidas de futebol.

Por fim, destacamos que, ainda que autores europeus – como aqueles ligados à Escola de Leicester – sejam uma referência constante nos artigos selecionados (o que não é um problema em si), já há diversas menções a autores latino-americanos – principalmente, do Brasil e da Argentina. A despeito dessas menções, ainda parecem ser raras as contraposições de ideias. Com certa frequência, trata-se apenas de menções episódicas ou de referência, sem um maior tensionamento ou problematização. Assim, para o avanço do debate, parece-nos necessário que haja uma maior apropriação desses autores como objeto de debate e crítica.

Consideração finais

Neste artigo, buscamos compreender de que maneira o torcedor de futebol foi abordado em artigos publicados em revistas acadêmicas latino-americanas de 1995 a 2024. Ao fazermos isso, identificamos algumas lacunas, que justificam o

desenvolvimento de novas linhas de pesquisa. Destacamos aquelas três que nos parecem mais urgentes: primeira, a que se propõe a estudar os “torcedores comuns”, que constituem a imensa maioria da massa torcedora. Segunda, a que objetiva analisar as autoridades policiais, que fazem parte do problema da violência no espetáculo futebolístico, e não apenas da sua solução. Terceira, a que busca ampliar o conhecimento sobre as mulheres torcedoras e acerca dos torcedores LGBTQIA+, que são, constantemente, estigmatizados e excluídos do universo torcedor. Certamente, apenas um olhar mais atento para essas populações facultará esboçar um diagnóstico mais preciso das práticas, representações, rituais e necessidades dos torcedores em geral – o que é fundamental para a constituição de políticas públicas mais justas e eficazes para os eventos esportivos.

Referências

- ALABARCES, Pablo. **Crónicas del aguante:** fútbol, violencia y política. 2 ed. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.
- ALABARCES, Pablo; ZUCAL, José Garriga; LEVORATTI, Alejo. Avatares de los estudios sociales del deporte en América Latina. In: LEVORATTI, Alejo. (Comp.). **Cartografía de los estudios sociales sobre el deporte.** Debates clásicos y actuales. San Martín, UNISAM, 2024, p. 149-170.
- ANJOS, Luiza Aguiar. **Plumas, arquibancadas e paetês:** uma história da Coligay. Santos: Editora Dolores, 2022.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2016.
- BECKER, Howard S. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- CABRERA, Nicolás. Violencias en clave comparativa: juego de espejos entre la “barra brava” argentina Los Piratas y la “torcida organizada” brasileira Ira Jovem. Dilemas. **Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**, n. 01, v. 17, 2024, p. 1-22.
- GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das Ciências Humanas sobre futebol: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, v. 163, 2010, p. 293-350.

- GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Revista Recorde**. v. 5, n. 1, 2012, p. 1-35.
- GOFFMAN, Erwin. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- HIJÓS, Nemésia. Mulheres organizadas: o caso da *Coordinadora de hinchas* da Argentina. In: BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando (Org.). **Pedagogias do futebol e do torcedor**. Porto Alegre: Cirkula, 2004, p. 135-160.
- LAPLANTINE, François. **Aprender a antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. **Violência no futebol**: ideologia na construção de um problema social. CRV: Curitiba, 2019.
- _____. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. v. 27, 2013, p. 597-612.
- LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Orgs.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais**: interações. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque. O ensaio como gênero e a produção ensaística sobre futebol no Brasil: um balanço. In: CORNELSE, Elcio Loureiro; CAMPOS, Priscila Campos; SILVA, Silvio Ricardo da (Orgs.). **Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer. Vol II**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017, p. 31-75.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque. **O clube como vontade e representação**: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILLAR, Onésimo Rodríguez (Orgs.). **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017, p. 11-64.
- MALAIÁ, João M. C. Torcer, torcedores, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIÁ, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de (Org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 53-85.

MELO, Victor de Andrade de. Sportsmen: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil. In: HOLLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; MALAIA, João M. C.; TOLEDO, Luiz Henrique de; MELO, Victor Andrade de (Org.). **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 21-52.

MARTINO, Luís Mauro Sá. “Publicar ou perecer”? Três dimensões das publicações acadêmicas na pesquisa em Comunicação. **Tríade: comunicação, cultura e mídia**. v. 11, n. 24, 2023, p. 1-21.

MOREIRA, Verónica. “Así cualquiera tiene aguante, de fierro tiene aguante todo el mundo”: disputas morales sobre las prácticas violentas en el fútbol. In: ZUCAL, José Garriga. (Comp.) **Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos**. Buenos Aires: EGodot, 2013, p. 41-68.

_____. Trofeos de guerra y hombres de honor. In: ALABARCAS, Pablo; CONDE, Mariana. DODARO, Christian. (Comp.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006a. p. 75-90.

_____. “El Rojo y Newell’s Old Boys, un sólo corazón”. Reciprocidad, amistad y rito de comensalidad entre las hinchadas de fútbol en Argentina. In: ALABARCAS, Pablo; CONDE, Mariana. DODARO, Christian. (Comp.). **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006b. p. 39-58.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação**. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol e violência**. Campinas: Autores Associados, 2006.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos; LOPES, Felipe Tavares Paes. O torcedor por detrás do rótulo: caracterização e percepção da violência de jovens torcedores organizados. **Movimento**. v. 21, n. 3, 2016, p. 693-706.

SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas: paixão, rito e magia no futebol**. São Paulo: Annablume, 2004.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitante jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Balanços bibliográficos e ciclos randômicos: o caso dos futebóis na antropologia brasileira. **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**. São Paulo, n. 94, 2020, p. 1-32.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; Campinas: Anpocs, 1996.

ZEFERINO, Geovani Garcia; SILVA, Mônica Aparecida da; ALVARENGA, Marco Antonio Silva. Associations between sociodemographic and behavioural variables, fanaticism and aggressiveness of soccer fans. **Ciencias Psicológicas**. V. 15, n. 2, 2021, p. 1-16.

ZUCAL, José Garriga. **Nosotros nos peleamos**: violencia e identidad de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeu, 2010.

ZUCAL, José Garriga. **Haciendo amigos a las piñas**: violencia y redes sociales de una hinchada de fútbol. Buenos Aires: Prometeu, 2014.